



AS ALTERAÇÕES DO COMPORTAMENTO E O SUPORTE PARA UMA VIDA MELHOR ATRAVÉS DA CRENÇA RELIGIOSA

** Ricardo Baracho dos Anjos*

*** José Antônio Baltazar*

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivos descobrir quais as determinantes que levam uma pessoa a seguir uma religião e também mostrar a influência da religião no comportamento das pessoas, bem como enfatizar o aspecto terapêutico da religião funcionando como um suporte para o enfrentamento das adversidades da vida. Esse tema surgiu devido à ação do autor como líder religioso, e à inquietação diante de tantos movimentos religiosos estarem ocorrendo nos últimos anos. Foi idealizado um questionário com 10 perguntas e aplicado a 96 pessoas, sendo 48 homens e 48 mulheres, entre 18 e 65 anos de idade, residentes na cidade de Londrina-PR. O trabalho percorreu algumas teorias, como a de Freud, Jüing, Viorst e Frankl. Freud abordou a religião como sendo o lugar das nossas patologias; Jüing mostrou a religião inserida nos arquétipos; Viorst falou sobre a reconexão através da religião; e Frankl, que foi o objeto principal do presente trabalho, contribuiu com a Logoterapia, segundo a qual, a descoberta do sentido para a vida é o que impulsiona as pessoas a uma vida melhor. Os resultados dos gráficos mostram as hipóteses levantadas e provam ser uma realidade a necessidade do homem crer em algo para ter um alívio e um suporte. Foi colocada a proposta de que a religião pode ser o sentido da vida, fazendo com que as pessoas tenham um comportamento saudável e um melhor enfrentamento de seus problemas da vida.

PALAVRAS-Chave: Psicologia-Religião; Religiosidade; Fé.

* Acadêmico do Curso de Psicologia do Centro Universitário Filadélfia – UniFil. Pastor da Igreja Presbiteriana Independente do Jardim Leonor. Formado em Teologia pelo Seminário Teológico Rev. Antônio Godoy Sobrinho.

E-mail: revbaracho@pop.com.br

** Docente do Curso de Psicologia da UniFil. Mestre em Educação pela UNOESTE – Presidente Prudente. Psicólogo clínico.

E-mail: jabaltazar@uol.com.br



ABSTRACT

The present work aims at discovering the main reasons for a person to follow a certain religion, and also at showing the influence of religion in the people's behavior, besides emphasizing the therapeutic aspect of the religion working as a support for the person to face life's adversities. The theme occurred due to the author's action as a religious leader and his uneasiness regarding so many religious movements that have been going on recently. A questionnaire was built with 10 questions and applied to 96 people, being 48 men and 48 women, aged between 18 and 65, residing the city of Londrina-PR.

The work discusses some theories, such as Freud's, Jüng's, Viorst's, and Frankl's. Freud approached religion as the place of our pathologies; Jüng showed religion inserted in archetypes, Viorst talked about reconnection through religion, and Frankl, the main object of the present work, contributed with Logotherapy, according to which the discovery of the meaning of life is what impels people towards a better life. The result on the graphs show the hypothesis raised and man's real need to have faith in something in order to have a relief and a support. A proposal is made that religion can be the meaning of life, providing people with a healthier behavior and a better chance to face the daily problems.

KEY-WORDS: Psychology-Religion; Religiousness; Faith.

INTRODUÇÃO

A questão da religião vem sendo amplamente discutida há muitíssimos anos. Observando estudos já realizados, vimos que os homens antigos tinham seus objetos de devoção, seus escritos nas cavernas, para se referirem a seus deuses. Nos primeiros séculos, vimos a grande dominação da igreja antiga, aliada ao Império Romano, momento este no qual todos estavam abaixo das leis que a igreja ditava. Depois, no século XVI, houve a Reforma Protestante e o surgimento dos chamados protestantes; isso sem contar os movimentos no oriente, com o budismo, o espiritismo, entre tantos e tantos grupos religiosos que existem. Este breve histórico nos faz chegar aqui ao Brasil, onde a diversidade de expressões religiosas é surpreendente.

E chegando ao nosso contexto, surgiu o interesse em estudar este tema, em analisar as alterações do comportamento e o suporte para uma vida melhor através da crença religiosa, ou seja, analisar como ocorre a transmissão desse discurso de adesão a um grupo religioso, qual é a visão que as pessoas têm da divindade e qual significado elas dão às leis e estatutos de sua religião. Também há no presente trabalho, o interesse em observar se existe a crença de que a religião, realmente,

modela vários tipos de caráter e se as pessoas demonstram confiança de que a religião dá um suporte para uma vida melhor.

Para isso, pesquisaremos essas determinantes, influências e crenças na região onde estamos, a cidade de Londrina. Londrina é a terceira cidade do Sul do país e tem como uma das suas características uma grande e variada expressão religiosa, com várias denominações e templos espalhados pela cidade. O presente trabalho está fundamentado nos seguintes teóricos: Sigmund Freud, Carl Gustav Jung, Judith Viorst, Viktor Emil Frankl, entre outros, mas nosso foco principal está em Frankl.

Antes de entendermos o movimento religioso, devemos entender que o ato de crer sempre existiu. Cremos em idéias, em pessoas, em movimentos e em divindades. Vemos que em todas as expressões religiosas ocorre um fator fundamental, e esse fator é o da religião entendida e vivida como um suporte, como um instrumento de ajuda, de apoio, de motivação, de descanso. Tendo como base essa idéia, podemos entender esse suporte como um preenchimento de um vazio interno, ou uma ajuda, devido à não capacidade de realização de maneira autônoma. Para explicar essa necessidade de um suporte, contaremos com a ajuda de Judith VIORST (2000) em seu livro **Perdas Necessárias**.

VIORST (2000) diz que em nossa vida passamos por várias perdas e que estas são necessárias para nosso crescimento e para nossa socialização. Mas diz também que todas essas perdas da vida podem não ser bem vividas se a principal perda da vida, que é frustrante - a separação da mãe via cordão umbilical e a separação da mãe através do aparecimento da própria identidade - não for bem superada. Ela diz que revivemos a perda da mãe com as demais perdas da vida, e em toda a vida buscamos o caminho inverso, ou seja, o caminho da simbiose, do restabelecimento da paz, do porto seguro. Esta é a busca do amparo.

Esse desamparo cria uma busca pelo “outro”, e esse vazio pode ser preenchido de várias maneiras, conscientes ou inconscientes. Começa uma busca pela conexão, ou re-conexão.

“Nossa busca dessa conexão - da restauração da integração total - pode ser um ato de doença ou de saúde, pode ser uma fuga temível do mundo ou um esforço para expandi-lo, pode ser deliberada ou inconsciente. Por meio do sexo, por meio da religião, da natureza, da arte, por meio das drogas, da meditação, até com o exercício físico, tentamos obscurecer as fronteiras que nos separam. Tentamos escapar da prisão da separação. Às vezes conseguimos.” (VIORST, 2000. p.34).



De vários caminhos para essa conexão, temos o caminho da religiosidade, isto é, um deus que pode nos proteger, cuidar, direcionar, confortar, etc. Não é a toa que essa divindade é chamada de pai, mãe, senhora, entre outros nomes. Temos outros exemplos dessa busca da conexão com a mãe. Como já falamos, essa busca pela conexão não é só pela religião, mas pelas drogas, pelo álcool, entre outras coisas. E a pessoa pode buscar essa conexão durante a vida toda, mesmo na meia-idade, ou indo até à velhice.

Temos também um outro caminho para essa busca da religiosidade, que tem a ver com a questão da não aceitação da individualidade. É a fuga das culpas através de um mecanismo de defesa chamado projeção. FREUD (1913), em sua obra **Totem e o Tabu - Animismo, Magia e Onipotência de Pensamentos**, fala sobre a transição do pensamento humano, enfatizando a necessidade do sentimento religioso. Ele fala sobre os primeiros conceitos que o homem teve do mundo à sua volta como necessidade de ter um controle sobre ele. Assim sendo, apareceu o termo ‘animista’, que é a doutrina das almas, ou seja, a existência do caráter humano nos objetos inanimados. No início, o homem tinha o controle das coisas à sua volta. A transição dessa fase animista para a religiosa aconteceu, justamente, devido ao questionamento das atitudes do homem através desse domínio. O homem descobriu que nem todas as fontes de prazer são aceitas pelos outros e isso gera culpa; por exemplo, “matar alguém” não é algo aceito pelos outros, há conseqüências não saudáveis. Esses sentimentos de culpa geraram muitos conflitos nos homens e isso fez surgir a projeção, ou seja, o caminho do animismo para a religião é a projeção.

O homem sentiu a necessidade de projetar seus desejos proibidos em uma terceira pessoa. Podemos então entender que o motivo da busca de uma religião - além do já discutido, que é a busca pela conexão devido ao vazio da perda, da castração, da solidão - é também o de ter os seus erros individuais explicados socialmente, com o objetivo de ser aceito no grupo, ficar sem culpas e responsabilidades, e reprimir certos sentimentos ruins. Essa projeção não é somente em entidades, mas em pessoas, instituições, etc.

A onipotência de pensamentos não é alcançada e, devido a isso, é criado um ser onipotente, que vai salvar o homem, livrá-lo da culpa. A projeção das coisas boas acontece através de um vínculo com Deus, é uma relação extrema, pois, sozinho o homem não consegue nada. É afirmar que tudo que acontece é segundo a vontade de Deus. Exemplos de projeções para livrar-se das culpas são muito comuns. Devido ao descontrole, a projeção gera uma personalidade obsessiva.

Esse tipo de religião serve para controlar os impulsos; a religião vira um superego muito rígido. É comum em pessoas dessas características demonstrarem uma grande piedade para compensar os maus pensamentos. Além de livrar o homem da culpa, a projeção serve para que o homem enfrente o problema fora dele

mesmo. A religiosidade é tomada como uma maneira de camuflar muitas patologias.

Outro teórico que nos ajuda na compreensão do sentimento religioso é Jung. Ele segue um caminho, que é diferente do de Freud, dizendo que na constituição do aparelho psíquico há o chamado inconsciente coletivo. Nele está a experiência da espécie que está em nós, experiências vividas durante a história pelos nossos antepassados que são importantes para a sobrevivência. Esse inconsciente coletivo funciona como uma usina que armazena todas as experiências da nossa espécie. A essas marcas da espécie ele dá o nome de arquétipo, que é ligado ao inconsciente coletivo. O ser-humano tem vários arquétipos (mãe, filho, sábio) que são importantes para o desenvolvimento dos nossos papéis. Assim sendo, o medo é um arquétipo, isto é, nascemos com o medo, não o medo como fobia, mas um medo que cria mecanismos de defesa, cria um alarme para podermos reagir. SILVEIRA (2000) diz que os arquétipos são “...resultantes do depósito das impressões superpostas deixadas por certas vivências fundamentais, comuns a todos os seres humanos, repetidas incontavelmente através de milênios”.

Nesse campo dos arquétipos, Jung fala do arquétipo sombra, que nos leva a desenvolver o inconsciente, e é nesse arquétipo que encontramos o sentimento religioso. Jung é o primeiro psicólogo a falar que o homem vai além dos outros animais devido à religiosidade. Há nesse arquétipo sombra, uma potencialidade que impulsiona o ser humano a procurar uma entidade/deus e com ela se relacionar através do ritual chamado religioso. Para Jung, todo ser humano crê em alguma coisa, e o homem precisa crer para descobrir o porquê das coisas.

“A noção de arquétipo, postulando a existência de uma base psíquica comum a todos os seres humanos, permite compreender por que em lugares e épocas distantes aparecem temas idênticos nos contos de fadas, nos mitos, nos dogmas e ritos das religiões, nas artes, na filosofia, nas produções do inconsciente de um modo geral - seja nos sonhos de pessoas normais, seja em delírios de loucos.” (SILVEIRA, 2000, p.69).

Ele fala da importância dos símbolos dogmáticos presentes na igreja, pois são *dispositivos de segurança e meios de defesa espirituais, que o protegem contra a experiência imediata das forças enraizadas no inconsciente, e que esperam sua libertação* (JÜNG, 1999, p,53). Nisso encaixa-se a maioria das pessoas que precisam dos símbolos de fé para reforçar a sua religiosidade.



Mas o grande nome que deixamos para o final desta parte e que realmente colaborou para a definição dos nossos objetivos é o de Viktor Emil Frankl. Frankl foi discípulo de Freud e Adler e foi o criador da Logoterapia (Psicoterapia Existencial Humanista), que é conhecida como a terceira Escola Vienense de Psicoterapia e que não é uma solução para o dilema da humanidade, ”... *mas uma tentativa de encontrar um sentido para a vida de cada pessoa, na sua realidade, em seu sofrimento, em sua existência, muitas vezes desprovida de propósitos.*” (GOMES, 1992, p.27).

Frankl começou a trabalhar com grupos de jovens de Viena, pois foi constatado que havia um alto número de suicídios nessa faixa etária e, com isso, ele desenvolveu a Logoterapia, que seria a técnica para ajudar a pessoa a encontrar o “para quê” viver, encontrar o sentido para a vida individual. Esse sentido seria o estímulo para se viver. Com seu trabalho ele conseguiu fazer com que o índice de suicídios caísse bastante entre os jovens. Na segunda guerra, ele começou a trabalhar com os prisioneiros, seguindo a Logoterapia nos campos de concentração para que, se os prisioneiros encontrassem o sentido das suas vidas, então poderiam suportar todos aqueles momentos difíceis da guerra.

Com isso, ele criou a técnica chamada DERREFLEXÃO, ou seja, se alguém está em um momento difícil da vida, mas se tem projetos para o futuro, então conseguirá superar esses momentos difíceis. Os prisioneiros eram motivados a pensar no reencontro com a família, com o trabalho e isso os motivava a superar as adversidades. As pessoas atendidas por ele sobreviveram ao holocausto. A partir daí, Frankl deu um sentido muito importante à psicossomática, principalmente na resiliência.

Dentro de cada um de nós existe Deus, e ele faz com que tenhamos uma parte que nunca adocece; existe a possibilidade da cura, da solução, do fim da angústia. Esse é o sentido para a vida. Logoterapia quer dizer “sentido da cura” e é uma ciência que acredita na liberdade humana. Isso Frankl afirmava ao defender que o homem é que determina o inconsciente, discordando de Freud, que entendia que é o inconsciente que determina o homem. Para Frankl, o ser humano é responsável pelas coisas que faz e tem toda a capacidade de se superar, acionando o que está dentro de si mesmo, adormecido. Ele entendia que o ser-humano tem uma religiosidade inconsciente, pois, nos campos de concentração, em meio à angústia, ele percebeu que uma fé surgia, uma esperança no futuro fazia brotar o sentido da vida, a crença em Deus que parecia estar oculta. A isso ele chamou de dimensão noética ou espiritual humana.

Com toda esta fundamentação teórica, queremos enfatizar que as alterações do comportamento e o suporte para uma vida melhor através da crença religiosa, são obtidos devido ao sentido da vida que a pessoa encontra na religião. E na vida religiosa as pessoas encontram motivação, suporte necessário para uma vida me-



lhora, com objetivos, realizações e criatividade. E, com base nessas informações da Logoterapia, queremos destacar a religiosidade como sendo o sentido da vida das pessoas.

OBJETIVO GERAL

O principal objetivo deste trabalho é analisar as determinantes presentes na escolha de uma prática religiosa e seus reflexos na comunidade, através do estilo de vida e do comportamento.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descobrir o que Deus representa para as pessoas;
- Constatar o tempo da prática religiosa;
- Identificar se houve influências para essa prática;
- Definir o que Deus representa para as pessoas;
- Descobrir o que a Bíblia representa para as pessoas;
- Verificar se a religião exerce influência no comportamento;
- Verificar se a religião é encarada como um auxílio, um suporte;
- Descobrir o que o dirigente religioso representa para o seguidor;
- Identificar se houve mudanças de religião;
- Verificar se houve o recebimento de bênçãos ou milagres.

METODOLOGIA

Amostra

Participaram desta pesquisa cidadãos que moram na cidade de Londrina/PR. Foram entrevistadas, ao todo, 96 pessoas, sendo 48 homens e 48 mulheres, com faixa etária de 18 a 65 anos, tendo ou não concluído o Ensino Fundamental, Médio ou Superior. Esta pesquisa foi inserida na metodologia de pesquisa de campo com a utilização de um questionário.

Local de realização

A pesquisa foi realizada na cidade de Londrina/PR.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Analisando as respostas, chegamos aos resultados e, para facilitar a compreensão, dividimos os sujeitos em seis grupos, de acordo com as seguintes faixas etárias: 1) Homens (18 a 33 anos); 2) Mulheres (18 a 33 anos); 3) Homens (34 a 49 anos); 4) Mulheres (34 a 49 anos); 5) Homens (50 a 65 anos) e 6) Mulheres (50 a 65 anos).

A primeira pergunta feita para todos foi: ***O que representa a religião para você?*** Para todos os grupos, a primeira resposta escolhida foi “**Fé**”, com uma média de 40,33%; e a segunda resposta de maior ocorrência entre todos foi “**Proteção**”, com uma média de 17,66%. Em todas as faixas etárias, a maior incidência de porcentagem na resposta “**Fé**” foi do grupo de Homens e Mulheres de 50 a 65 anos, com 53 e 55%, respectivamente. Em “**Proteção**”, a maior porcentagem foi obtida no grupo de Homens de 34 a 49 anos, com 23%.

A segunda pergunta foi: ***Há quanto tempo você é praticante da sua religião?*** Em todos os grupos, a primeira resposta escolhida foi “**Desde a infância**”, com uma média de 69,16%; e a segunda resposta foi “**Desde a adolescência**”, com 27,33% de média. Em “**Desde a adolescência**”, houve maior incidência de respostas na subamostra de Homens de 34 a 49 anos, com 30%.

A terceira pergunta foi: ***Você foi influenciado por quem?*** A primeira resposta de todos os grupos foi “**Família**”, com uma média de 85,83%. A segunda resposta foi “**Amigos**”, com 13,25%.

A quarta pergunta foi: ***O que Deus representa para você?*** A primeira resposta foi “**Pai**”, mas não se deu em todos os grupos; mesmo assim houve uma média de 27,75%. Os grupos que não responderam “**Pai**” (Mulheres de 18 a 33 anos; Mulheres de 34 a 49 anos) escolheram a segunda resposta mais marcada, que foi “**Protetor**”, com 20,66% de média das escolhas.

A quinta pergunta foi: ***O que a Bíblia significa para você?*** A primeira resposta, que apenas um grupo não escolheu (Mulheres de 50 a 65 anos), foi “**Um guia de fé e prática**”, com uma média de 56,6%. As mulheres de 50 a 65 anos escolheram como primeira resposta, a que foi a segunda escolhida pelos outros grupos: “**Um elo de ligação com Deus**”, que teve como segunda opção, uma média de 38%.

A sexta pergunta foi: ***A religião pode exercer influência sobre o comportamento das pessoas?*** Houve uma unanimidade na escolha da primeira resposta, que foi “**Sim**”, e obteve uma média de 97,16%. No grupo das Mulheres de 50 a 65 anos, houve a escolha da resposta “**Não**”, perfazendo uma média de 2,83%.

A sétima pergunta foi: ***A religião é um grande suporte para uma vida melhor?*** Todos os grupos tiveram como primeira resposta a alternativa “**Sim**”, que

obteve uma média de 88,83%. A maior incidência de respostas foi entre os Homens de 50 a 65 anos, com 100% de escolha para a alternativa “**Sim**”. A resposta “**Não**” teve uma média de 11,16%, com maior incidência entre os Homens de 18 a 33 anos.

A oitava pergunta foi: ***O que o dirigente religioso representa para você?*** A maior concentração de respostas foi na alternativa “**Um mensageiro da palavra**”, com uma média de 38,25%. Os grupos de Homens e Mulheres de 18 a 33 anos tiveram como primeira resposta a alternativa “**Um ser humano falível**”, que obteve uma média de 19,33%.

A nona pergunta foi: ***Você já mudou de religião?*** Em todos os grupos a escolha primeira caiu na alternativa “**Não**”, com uma média de 76,83%. A alternativa “**Sim**” teve uma média de 23,16%.

E, por fim, a décima pergunta foi: ***Você já recebeu alguma bênção ou milagre?*** Em todos os grupos a primeira escolha caiu na alternativa “**Sim**”, com uma média de 80,5%, destacando que, nos grupos de Homens e Mulheres de 50 a 65 anos, a escolha foi de 100%. A alternativa “**Não**” teve uma média de 19,5%.

Com todas essas respostas, podemos, realmente, constatar que o ato de crer faz parte do ser-humano. E, adentrando o campo da religião, podemos ver através desses resultados que a necessidade de crer faz parte de uma gama das necessidades do homem. O “Inconsciente Coletivo” - que é o local onde está armazenada a experiência da espécie, que é importante para a nossa sobrevivência - é quem mantém na espécie esse desejo de crer, de ter fé em alguém. Isso se concretiza no presente trabalho, pois, para a maioria, a religião significa ter fé.

E fé é um instrumento usado para que o homem possa colher coisas boas em sua vida. Há uma ligação muito forte entre fé e bênção. E a maioria dos entrevistados relatou ter recebido alguma bênção ou milagre em sua vida. Falar do Inconsciente Coletivo de Jung é falar dos arquétipos, que são as marcas da espécie humana, importantes para o desenvolvimento dos nossos papéis. Mesmo que exista esse sentimento em cada um de nós, é necessário que ele seja despertado. Estamos externando isso para destacar a importância da família na transmissão do sentimento religioso. Isso porque, em nossa pesquisa, pudemos constatar que a adesão a um determinado grupo religioso, bem como a sua permanência nele, deveu-se à função da família em transmitir a fé; o outro aspecto a destacar sendo que isso vem da infância. A família é a primeira sociedade do homem; é nela que o caráter começa a se formar, é ali que o Superego - que Freud descobriu - começa a se construir, e também o sentimento religioso.

Pudemos ver também a figura do pai idealizado na divindade, um pai que funciona como um suporte para a vida. A maioria dos entrevistados disse que Deus representa um pai e um protetor. Judith VIORST (2000) chama a isso de reconexão, ou seja, uma reconexão com o que antes havia uma conexão. Há vári-



os caminhos para a reconexão com a mãe que foi perdida no nascimento, e uma dessas está na religião, onde há a busca de um refúgio, de um protetor.

Essa presença do pai intensifica-se através da palavra divina que é a Bíblia. Há um grande respeito a esse símbolo. Em nossa pesquisa, a maior parte das repostas foi que a Bíblia é “Um guia de fé e prática”, vindo em segundo lugar que ela é “Um elo de ligação com Deus”. Jüing falou da importância dos símbolos dogmáticos, nos quais a Bíblia se encaixa, dizendo que eles são “...*dispositivos de segurança e meios de defesa espirituais, que o protegem contra a experiência imediata das forças enraizadas no inconsciente, e que esperam sua libertação.*” (JÜNG, 1999, p.53).

Viktor Frankl descobriu uma grande fórmula para que as pessoas pudessem atravessar os momentos difíceis, assumindo um novo comportamento. Ele criou uma técnica chamada DERREFLEXÃO, que consiste em elaborar projetos para o futuro e que esses sirvam de motivadores para as lutas do presente. Para agüentar a luta, deve-se ter caminhos para a vida. A crença e a vida religiosa podem ser elementos de geração de esperança nas pessoas. Muitas pessoas, que, por vários motivos, não encontram razão para as suas vidas, podem fazê-lo através da crença e da religiosidade.

Seguindo essa idéia, vemos o povo brasileiro, que sofre muitas coisas, mas sempre crê que tudo vai melhorar. E nessa crença, vão superando muitos obstáculos, alegando que tudo isso é “força de Deus, de Nossa Senhora, de Padim Ciço”, entre outros. Elas encontram o sentido para a vida, e de maneira muito saudável, e isso é possível. Religião não é simplesmente o depósito das nossas patologias, como dizia Freud, ou o ópio do povo, como disse Marx. Infelizmente, há os charlatões e as igrejas financeiras que alienam e mantêm as doenças nas pessoas.

O sentido para a vida, tendo como base a vida religiosa e a crença, pode dar ao homem suporte adequado para a orientação de seu caráter, de sua emoção e de suas responsabilidades. Uma crença religiosa saudável é aquela que vem sendo plantada desde a tenra idade, com a supervisão familiar, com a discussão das dúvidas, visando o crescimento, e que torne o homem bem esclarecido sobre o seu papel na sociedade, gerando o bem-estar dos outros, a começar pelo seu próprio. Esse é um grande suporte que a crença religiosa pode produzir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos ver que a crença religiosa é algo presente nas pessoas. Mesmo reconhecendo que muitas coisas mudaram no que se refere ao discurso do sagrado (muitas pessoas se declaram ateístas), ainda assim vemos uma valorização da vida



religiosa. Mesmo que a pessoa não mude de religião ou não a pratique muito, vemos que ela está na religião transmitida pela família. E mesmo que a pessoa não acredite no Cristianismo, ela se incorpora a outros grupos que também são religiosos e a levam a um deus. Ou seja, ter fé e confiança - sem medir a intensidade - é algo comum entre as pessoas, e sendo bem realizado, pode trazer muitos benefícios.

Em todos os grupos entrevistados, pudemos ver a valorização do sagrado. Vimos também que seus símbolos são elementos que fazem parte da nossa espécie e de suas culturas. Mesmo observando faixas etárias diferentes, chegamos à constatação de que a religião é um símbolo de proteção e de busca do equilíbrio emocional e social.

Para Freud, a religião era o depósito das patologias; para Jüing era o traço diferenciador do homem em relação aos outros animais; para Viorst era uma das várias maneiras de reconexão. Preferimos concordar com Jung, no que se refere aos arquétipos, ou seja, os traços da nossa espécie, que são armazenados para o nosso próprio bem. Somos da opinião de que o sentimento religioso é um arquétipo e que, se o unirmos com a Logoterapia de Frankl, podemos ter uma receita agradável para encararmos a vida.

A Logoterapia aplicada à religião pode fazer desta uma grande comunidade terapêutica, onde as pessoas apresentam suas lutas e dores na busca de estratégias para um melhor enfrentamento das crises a que somos sempre submetidos. Realmente, as alterações do comportamento e o suporte para uma vida melhor são possíveis com a DERREFLEXÃO através da crença religiosa. Esperamos que o presente trabalho possa despertar futuros pesquisadores para irem, cada vez mais, além nesse interessantíssimo tema.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GOMES, J.C.V. **A Psicoterapia Existencial Humanista de Viktor Emil Frankl**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- JÜNG, C. G. **Psicologia e religião**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- FREUD, S. *Totem e o tabu (1913)*. In: FREUD, S. **Obras completas da Edição Standard**. Volume XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- SILVEIRA, N. **Jüing: vida e obra**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2000.
- VIORST, J. **Perdas necessárias**. São Paulo: Melhoramentos, 2000.

BIBLIOGRAFIA ADICIONAL RECOMENDADA

- FREUD, S. *Moisés e o Monoteísmo (1937-1939)*. In: FREUD, S. **Obras completas da Edição Standard**. Volume XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- MIELNIK, I. **Higiene mental do comportamento humano**. São Paulo: EDART - São Paulo, Livraria Editora Ltda., 1975.
- SCHNEIDER, K. **Psicopatologia Clínica**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1965.
- UNIFIL - CENTRO UNIVERSITÁRIO FILADÉLFIA. Jornadas de Psicologia da Unifil. A ética e a ciência na cotidianidade da Psicologia, Londrina, 1999 e 2000. In: SILVÉRIO, L.G. **A cotidianidade da relação psicologia e religião. Considerações históricas e ética profissional**. p.80-84.